

Julia Rebeca: Exposição e Vigilância na Sociedade Midiatizada¹

Júlia COUTO²

Mariah FRIEDRICH³

Cleber CARMINATI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, ES

Resumo

Estamos inseridos em uma cultura de espetacularização e exposição da intimidade e do cotidiano. A mídia se configura como uma nova ambiência que molda hábitos e experiências. Facebook, Twitter, Whatsapp, smartphones, webcams, são muitos os dispositivos e plataformas que permitem que os indivíduos falem sobre si e conquistem audiência, ao mesmo tempo em que os submetem a um regime de exposição e vigilância constante. A partir disso, o estudo apresentado busca refletir sobre como a sociedade do espetáculo vulnerabiliza os sujeitos, desencadeando em episódios como o de Julia Rebeca, que se suicidou aos 17 anos em novembro de 2013.

Palavras-chave: mídia; vigilância; privacidade; exposição; Julia Rebeca.

Introdução

Na contemporaneidade, a relação do indivíduo com o público e privado se torna difusa pela presença incessante de aparelhagens tecnológicas, que permite às pessoas construírem uma narrativa sobre si, enquanto enfrentam implicações e pressões sociais derivadas dessa hiperexposição. Como traço desse acirramento entre as esferas, se estabelecem dentro dos nichos sociais novas regras de conduta a serem seguidas e conseqüentemente novas formas punitivas para os sujeitos que de alguma forma infringem essas regras.

Diante disso, o presente artigo se propõe por meio da exposição de uma tragédia resultada de uma violação ocorrida na ambiência virtual, a fazer uma análise sobre esse aspecto da

¹ Trabalho apresentado no DT5- Multimídia, do Intercon JR evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º período do Curso de Comunicação Social da UFES, email: julia.couto9@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º período do Curso de Comunicação Social da UFES, email: mariahdadalto@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFES, email: clebercarminati@yahoo.com.br

sociedade atual, na qual o indivíduo inserido na atmosfera tecnológica midiática se torna refém dos próprios meios de socialização e construção de identidade.

O episódio a ser analisado se trata de um suicídio ocorrido na cidade de Parnaíba (PI), no ano de 2013. Após ter vídeos íntimos divulgados em aplicativos e redes sociais, a jovem Julia Rebeca de 17 anos anunciou em seu microblog twitter que pretendia interromper a sua vida, e o fez em seu quarto momentos depois das postagens na rede.

Para a construção do arcabouço teórico, foram utilizados autores como Muniz Sodré, que discorre a respeito da eticidade e ambientação da vida na era digital; Paula Sibilia, que expõe como os processos de subjetivação passam a se formar de maneira alterdirigida, pautada pela necessidade do olhar alheio; Deleuze, trazendo a noção de uma sociedade na qual a vigilância passa a ocorrer de forma fluida e incessante; Naomi Wolf, para compreender como se dá a repressão à sexualidade feminina; além de Honneth que relaciona o comportamento autodestrutivo a uma reação de contrachoque causado por experiências de desrespeito e violação, entre outros autores que colaboram para a base bibliográfica deste trabalho.

A eticidade midiática

A sociedade contemporânea se organiza pela midiáticação, de modo que o consumo e a utilização dos meios de comunicação se tornam imperativos. Se a comunicação era antes mediada pelo corpo físico e pela fala, cada vez mais se torna necessária uma interferência virtual. Em suma, a mídia se faz presente em todos os processos da vida contemporânea, seja estruturando relações entre pessoas ou instituições, seja mobilizando ações através dos conteúdos que publicizam.

Por consequência, a midiáticação propicia o surgimento de uma nova eticidade – um novo ordenamento de hábitos e comportamentos sociais – inserida em um lugar de vida ao qual Muniz Sodré (2008) nomeou Bios virtual. Essa eticidade midiaticada é responsável por instaurar uma forma de compreender a realidade que tende ao superficialismo e à fetichização de sua exposição.

Os espelhos midiáticos, reluzentes telas dos apetrechos digitais nos quais o indivíduo se vê, trazem junto à perspectiva de representação naturalista da realidade um rigoroso código moral, que inclui implícitas as sanções destinadas àqueles que não seguirem as determinações a respeito do que é bom e o que é impróprio, realidade e ficção, necessário e indesejável. Os que não cumprem essas prescrições ou não atendem aos padrões enfrentam o constrangimento, a exclusão ou ainda a autodepreciação.

Em 2013, um caso de violação que culminou no suicídio de uma adolescente de 17 anos demanda uma análise aprofundada. A vítima, Julia Rebeca, teve seu direito à privacidade violada ao ter um vídeo de cunho sexual amplamente divulgado em plataformas digitais sem seu consentimento.

Inserida neste contexto de alta exposição midiática, a adolescente fazia uso de uma série de mecanismos na esfera digital, para medir audiência, como *twitcom*⁵; para conquistar visibilidade, por meio da utilização *hashtags* e para permanecer inserida nos círculos sociais delineados pelas plataformas virtuais de comunicação, o que pode ser observado na quantidade de *postagens* feitas pela garota no *microblog*, assim como na reprodução de padrões comportamentais e *memes* viralizados na rede.

Ao mesmo tempo, essas plataformas cibernéticas de comunicação e controle observadas por Gilles Deleuze passam a ampliar a vigilância instantânea e incessante sobre os indivíduos, tornando seu cotidiano refém da possibilidade de uma vexação pela exposição.

Subjetividades alterdirigidas

Emerge dessa conjuntura uma subjetividade que não se encerra mais dentro de si, mas manifesta um caráter alterdirigido, voltado para os olhares alheios. Essas personalidades que emergiram nos meandros das redes digitais, são convocadas a se mostrarem por uma sociedade saturada pelos estímulos visuais, pela incitação à visibilidade e pelo deslumbramento com os famosos.

⁵ Aplicativo que permite aos usuários saber quantas pessoas visualizaram seu perfil.

Atendendo ao desejo de consumo de vidas alheias que emergiu nas últimas décadas, o sensacionalismo da intimidade surge para orientar a relação dos indivíduos com o mundo. O diário *éxtimo*⁶ publicado despididamente aos olhares de todos guarda, porém, muito de ficcional. Usando-se das facilidades e das vitrines oferecidas pela tecnologia digital, os indivíduos podem criar narrativas ficcionais espetacularizadas sobre si, nas quais a excentricidade e a megalomania se tornam naturalizadas.

As câmeras permitem que a vida seja narrada a partir de imagens e instauram formas inovadoras de ser e estar no mundo. O eu se estrutura em torno do corpo e a imagem exterior assume a função de indicar quem se é. De acordo com Paula Sibilia (2008), a experiência vital passa a se estruturar pelos relatos documentados imagetivamente nas redes digitais de informação.

A máxima cartesiana do “Penso, logo existo” é substituída na sociedade contemporânea por “sou visto, logo existo”, isto é, aparecer na internet motiva e dá sentido à vida. A partir dos relatos que constroem e das significações disponíveis nas redes os indivíduos articulam sua consciência de mundo e conferem realidade às experiências.

Pois nesse ato de verbalizar uma confidência, os indivíduos experimentam uma espécie de libertação; falar de si implica se esvaziar de um peso morto, gerando um alívio aparentado com a emancipação. No entanto, em muitos casos o efeito seria exatamente o oposto: agindo desse modo, ao responder com suas próprias vozes às demandas de falar de sexo e falar de si, os sujeitos não estariam mais do que alimentando as vorazes engrenagens da sociedade industrial, que precisa saber para aperfeiçoar seus mecanismos (SIBILIA, 2008. Pág. 72).

Público e privado se hibridizam, tornando qualquer segredo passível de vir a conhecimento coletivo. O anonimato, porém, constitui um grande medo para os indivíduos da geração digital, que consideram a audiência como um direito indelutável e usam todo tipo de recursos audiovisuais para atrair um público interessado nos relatos intimistas que disponibiliza em seu perfil da web.

⁶ SIBILIA, Paula. 2008

Exposição e medo

Domingo em Parnaíba (PI), dia 10 de novembro de 2013. Julia Rebeca assistia a uma premiação europeia de música e comentava sobre shows e atrações em seu perfil do twitter. Cinco dias antes, ela também utilizou a plataforma para demonstrar sua indignação diante do crime que resultou em seu suicídio: “VOCÊS NÃO SABEM NEM DA METADE DA MINHA VIDA PRA SAIR ESPALHANDO O QUE VOCÊS BEM ENTENDEM” (Sic); “To afim de estrangular quem tá inventando isso” (sic).(ANEXO I - FIGURA B)

A adolescente de 17 anos foi ridicularizada e teve sua imagem exposta sem seu consentimento em redes sociais e aplicativos, como o Facebook e Whatsapp. Pouco antes de se enforcar em seu quarto anunciou o suicídio via Twitter “É daqui a pouco que tudo acaba”; “Eu to com medo mas acho que é tchau pra sempre” e no Instagram, por meio de uma montagem de fotos com a mãe, cuja legenda a garota se culpava pelo violação da qual fora vítima: “Eu te amo, desculpa n (sic) ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa desculpa eu te amo muito mãezinha...desculpa desculpa...!! Guarda esse dia 10.11.13”. (ANEXO I – FIGURA B)

A outra adolescente que aparece no vídeo também tentou se envenenar cinco dias depois da morte de Julia, mas foi levada a um Hospital Estadual Dirceu Arcoverde (Heda) e sobreviveu à tentativa.

O vídeo chegou a ser publicado em um site pornográfico, mas a polícia agiu para retirar o conteúdo de circulação.

Visibilidade e controle

Em contrapartida, a exibição da vida privada nem sempre parte do sujeito exposto. A perda do anonimato se dá tanto de forma espontânea, pela prática de alimentar as redes sociais com informações e imagens sobre sua vida pessoal, quanto de forma coerciva, por meio das câmeras de vigilância e do rastreamento dos perfis. Na era da espetacularização da intimidade, crescem relatos de pessoas que foram humilhadas ao terem sua privacidade exposta nas redes de sociabilidade online.

Vivemos em uma sociedade autovigiada, na qual as câmeras estão espalhadas por toda parte e os dispositivos de filmagem e fotografia podem ser portados por qualquer um. As pessoas são simultaneamente estimuladas a se espiar e a consumir os flagrantes captados pelas câmeras, o que produz um ampliamto da disciplinarização por meio de um controle social glamourizado, difuso e onipresente.

As máquinas cibernéticas, como observou Gilles Deleuze em *Controle e Devir*, são as plataformas da sociedade de controle ou de comunicação . Dessa maneira, a formação subjetiva passa a funcionar sob a ótica da visibilidade, aliada a uma comunicação instantânea e incessante. O poder opera as mídias e atravessa instituições, tornando a vida contemporânea marcada pela insegurança da exposição.

O controle garantido por mídias digitais já não possui os antigos limitantes espaciotemporais. Isso porque a virtualização das instâncias de poder culmina em uma contínua vigilância que disciplina pela possibilidade de um constrangimento público.

Assim, os indivíduos alterdirigidos da sociedade contemporânea passam a ter a visibilidade como principal ferramenta repressora. A perspectiva de que um ato socialmente condenável chegue ao conhecimento dos outros se constitui como o fator de condicionamento e inibição.

Nesse sentido, vídeos e imagens não autorizados que revelam a intimidade principalmente de mulheres são cada vez mais frequentes. Esses fenômenos de violência simbólica são produzidos, divulgados e viralizados por meio de plataformas de sociabilidade online, que prometem “tornar o mundo mais aberto e conectado”, como declarou Mark Zuckenberg em seu perfil do Facebook após a compra do aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp. O aplicativo, por sua vez, oferece facilidades para a exposição de fotos e vídeos íntimos de terceiros, pois o conteúdo divulgado dentro da plataforma circula e fica gravado nos celulares, o que faz com que seja difícil descobrir sua autoria ou tirá-lo totalmente de circulação.

Corpos sob vigilância

O culto à aparência resulta de uma transferência da interioridade psicológica para a exterioridade somática. Como observa Guy Debord em *Sociedade do Espetáculo*, a vida contemporânea se engendra em torno da imagem e da estética. Todavia, as formas de se lidar com o corpo alheio ou mesmo o próprio são orientadas por um arcaico moralismo e pelo paradigma da artificialidade, como destaca Paula Sibilia (2011).

Para além da funcionalidade fisiológica, o corpo contemporâneo se estabelece como entidade individual e ideológica, tanto um fator de consumo quanto mercadoria. Os meios de comunicação ao mesmo tempo em que o cultuam, objetificam, estigmatizam e enfatizam sua precariedade.

A adolescente Julia Rebeca consumia líderes de opinião midiáticos que manifestam comportamentos alinhados a uma ideia de liberdade sexual, como a cantora estadunidense Miley Cyrus, que em entrevista para uma edição da revista ELLE no ano de 2014 declarou: “Acho injusto o fato de rapper poderem falar sobre sexo, protagonizar cenas com mulheres gostosas e ninguém comentar sobre isso. Se sou eu que faço isso estou degradando as mulheres? Eu sou uma mulher e posso sim fazer o mesmo que ele. Sou parte de uma evolução”. Contudo, a piauiense integrava um sistema que historicamente reprime a sexualidade feminina, fato que é comprovado quando a cupabilização em vista do vídeo vazado cai majoritariamente sobre a menina.

A materialidade e, com isso, a sexualidade passa, então, a ser uma fonte de insegurança, algo a ser “domado” e reprogramado, de forma que a apropriação do próprio corpo no sentido de explorar as suas possibilidades reais é condenada em virtude de um ideal de programação e gerenciamento do sexo e das formas naturais.

Conseqüentemente, o biopoder se amplia aliado a uma nova forma de pensar o corpo humano. Ao passo que erotismo e a beleza são mercantilizados – crescem as ofertas de procedimentos estéticos e a indústria de filmes pornográficos –, generaliza-se uma aversão à materialidade orgânica, que é explorada economicamente e submetida a padrões de beleza cada vez mais rígidos.

Opressão e suicídio

Existe uma demanda subjetiva de reconhecimento que dita as relações intersubjetivas entre meio social e sujeito, cuja vulnerabilidade surge do entrelaçamento da individualização com a consciência do não reconhecimento (sinalizado na assimilação do desrespeito) conferido pelos outros. Honneth (2003) defende que a necessidade de reconhecimento está presente no comportamento autodestrutivo dos grupos marginalizados e analisa três formas nas quais o reconhecimento é negado ao sujeito, capazes de desmoronar a constituição de subjetividade das pessoas. (HONNETH, 2003)

Duas formas de não reconhecimento identificadas por Honneth (2003) podem ser percebidas no episódio vivido pela piauiense de 17 anos. Uma delas consiste na desqualificação moral, que rebaixa a vítima ao privá-la ou excluí-la de seu direito à privacidade, garantido aos demais membros da sociedade. De acordo com o autor, isto provoca uma perda do autorrespeito e da capacidade de compreender a si mesmo como indivíduo em situação de igualdade com a coletividade.

Outra forma de desmerecimento é a depreciação social sofrida pela adolescente a partir das redes sociais, o que produz como consequência a perda da autoestima, pela não percepção de si como um ser valorizado pela esfera social. Essa reação pode ser identificada em pensamentos compartilhados por Julia Rebeca em suas redes sociais, como em sua última postagem no instagram, cuja legenda carregava um pedido de desculpas e afirmações autodepreciativas: “Eu te amo, desculpa n (sic) ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa desculpa eu te amo muito mãezinha...desculpa desculpa...!! Guarda esse dia 10.11.13”. (ANEXO 2 – FIGURA A)

Honneth defende que a garantia social do reconhecimento protege os sujeitos da degradação de sua integridade psíquica. Dessa forma, o suicídio de Julia Rebeca pode ser compreendido, como uma derivação de reações psíquicas de contrachoque.

Quando a violação se desencadeia por um indivíduo exterior, traduz-se em sentimentos de indignação, o que ocorreu na divulgação de conteúdos de cunho sexual sem o consentimento da vítima que protagonizava os vídeos e pode ser observado em uma de suas postagens: “Eu tô é puta meu!! Mais uma dessa e vou atrás de quem fez isso” (sic); “VOCÊS NÃO SABEM NEM DA METADE DA MINHA VIDA PRA SAIR

ESPALHANDO O QUE VCS BEM ENTENDEM (sic)”; “Doido, que bando de PAU NO CU é esses que tão inventando história minha ai? (sic)”.

Por sua vez, a violação praticada pelo próprio sujeito ocasiona sentimentos de culpa. Nesse caso, a prática sexual da adolescente pode ser enquadrada como um desvio de conduta na sociedade essencialmente machista na qual estava inserida, onde a sexualidade feminina é considerada um elemento valorativo para designação do caráter da mulher julgada.

A sexualidade feminina não é apenas definida de forma negativa, ela é elaborada de forma negativa. Nós somos vulneráveis à absorção da interferência do mito da beleza na nossa sexualidade porque nossa educação sexual se dedica a garantir essa vulnerabilidade. A sexualidade feminina é virada pelo avesso desde o nascimento, para que a "beleza" assuma o seu lugar, mantendo os olhos das mulheres voltados para os seus próprios corpos, olhando de relance para cima, só para verificar a imagem refletida nos olhos dos homens. (WOLF, 1992. Pág. 204)

Nesse sentido, a vergonha aparece como reação a uma expectativa de repressão que a refreia, atingindo seus ideais de ego e podendo ser causada por ele mesmo ou por outros (Honneth, 2003).

Tendo como base a perspectiva do intersubjetivismo Honnethiana, é possível compreender os processos cognitivos em que se constitui a identidade das mulheres de forma conjugada, devido ao processo histórico de violação e não reconhecimento que lhes é comum. Em Marx (2006), o suicídio é considerado um dos sintomas da luta social, denunciando um tipo de organização deficiente que produz uma série de opressões, a exemplo a tirania familiar que sofrem as mulheres vítimas do patriarcado. Isto porque o autor defende a ideia de que o privado também é político e as relações da microestrutura são subprodutos da macroestrutura.

Conclusão

A exposição deve ser analisada tendo em vista uma atmosfera sociocultural construída pela mídia e aliada aos interesses do mercado. As subjetividades à flor da pele estreiam uma nova fragilidade do homem contemporâneo, por virem acompanhadas da dependência de visibilidade e um crescente pânico da solidão.

Da mesma forma que ocorre exposição voluntária, a convergência dos domínios público e privado fazem com que a exposição seja frequentemente imposta aos indivíduos e funcione como ferramenta de repressão e controle.

A partir disso, se faz necessário compreender a maneira como mídias sociais utilizadas na era digital se inserem e podem potencializar eventos como o ocorrido em Parnaíba (PI).

Os avanços tecnológicos provocam ainda o embaçamento das fronteiras entre o real e o virtual, que passam a convergir. A aparência, princípio da realidade midiática, passa a ter a mesma conotação de existência.

Para se adequar à percepção imaginária que têm de si, os sujeitos passam a viver em constante encenação de uma identidade pessoal, uma vez que se encontram cercados por câmeras. A performance torna-se então uma marca da cultura contemporânea, em consequência do cruzamento entre a vida comum e o espetáculo.

Nesse acordo cultural em que a essência se traduz em imagem pelo enaltecimento das tecnologias do ideal estético, os sujeitos tornam-se capazes de construir virtualmente o seu self através de uma série de artifícios tecnológicos que os permitem manipular, omitir e distorcer características pessoais até obterem um eu que lhe pareça mais autêntico do que o próprio eu real-histórico.

Sodré também propõe o conceito de tecnonarcicismo, ao analisar o fascínio que os simulacros da identidade pessoal despertam nos indivíduos e como a mídia se apropria disso. Ele destaca ainda que não há amor próprio na prática narcísica, ao contrário, ocorre uma completa anulação do eu real para dar lugar ao self virtual. Ao deparar-se com a sua interioridade relegada a um ordinário esboço, o indivíduo já não pode se recolher em si, pois tornou-se entidade fora de si, perdido entre as redes de comunicação.

ANEXO 1

Figura A

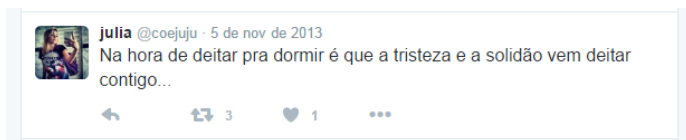


Figura B

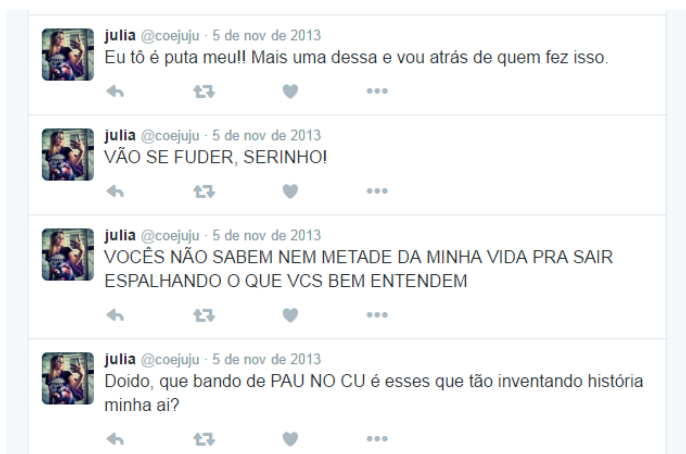


Figura C

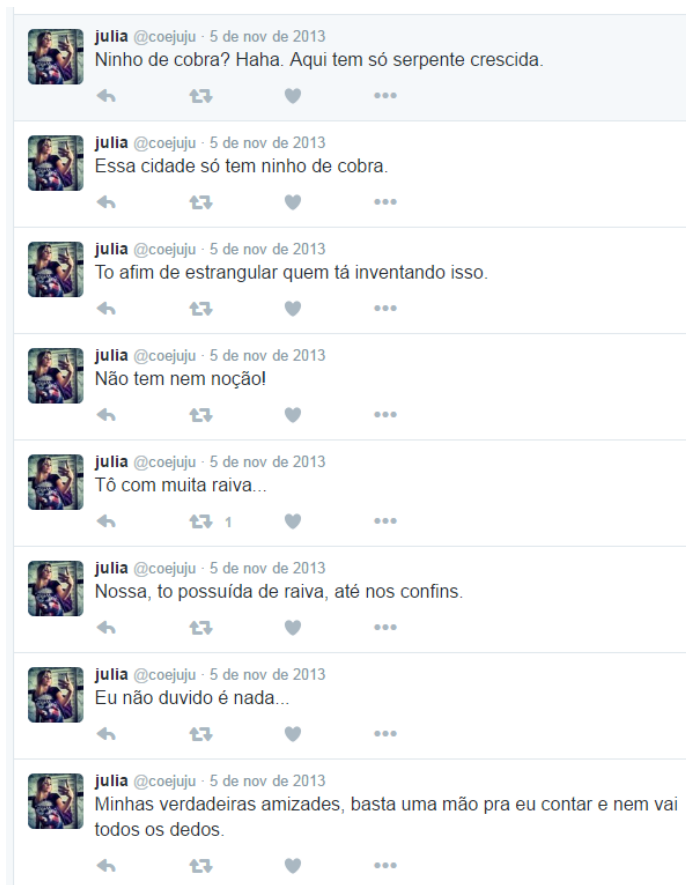


Figura D

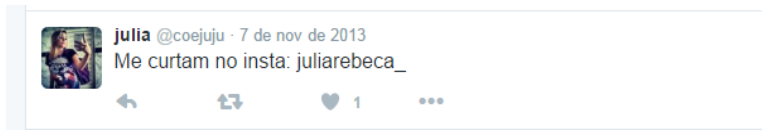


Figura E

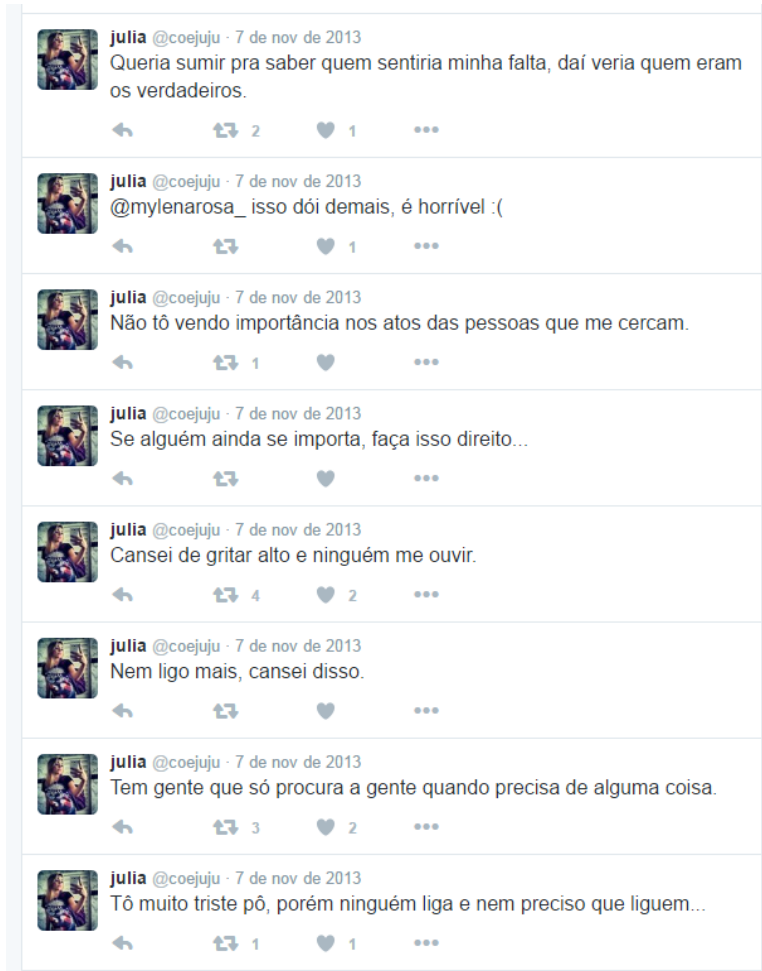


Figura F



Figura G

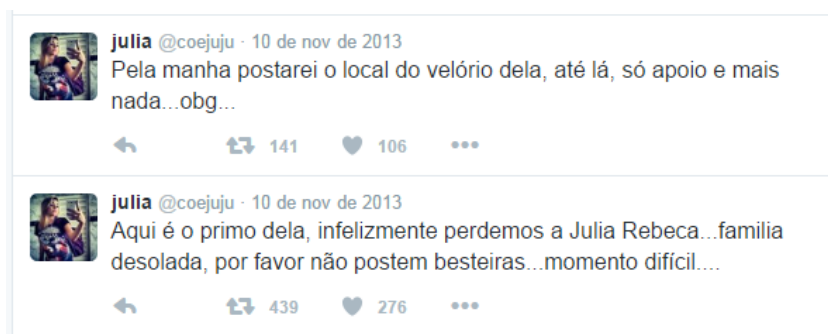


Figura H



ANEXO 2

Figura A



REFERÊNCIAS

CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34 Ltda., 1992.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003. Páginas 213 – 224

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **O corpo reinventado pela imagem**. In: DIOGO, Lígia; FURLONI, Alvaro; KOLB, David; SIVOLELLA, Alexandre (Orgs). 1968, Cinema, Utopia e Revolução. São Paulo: Caixa Cultural São Paulo, 2008, págs. 56-59.

SIBILIA, Paula. **O sonho da reprogramação corporal: Biotecnologias, ciências da vida e produção de subjetividade na sociedade contemporânea**. In: NEUTZLING, Inácio; RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. O (des)governo biopolítico da vida humana. São Leopoldo-RS: Unisinos e Casa Leiria, 2011, págs. 123-145.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RECUERO, C. Raquel. “**Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia**” Revista FAMECOS - nº 32. Porto Alegre. Abril de 2007

WOLF, Naomi. “**O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**”. Rocco - Rio de Janeiro -RJ 1992

<<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/02/queremos-tornar-o-mundo-mais-aberto-e-conectado-diz-zuckerberg.html>> (Acesso em 10/07/2016)

<<http://www.carlinhosfilho.com.br/2013/11/caso-julia-rebeca-localizado-novo-video.html>> (Acesso em 09/07/2016)

< <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pornografia-da-vinganca-reedita-forma-de-violencia-3tetrkf9lvb26ibua10ikc2fi> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1379100-exposicao-sexual-na-internet-se-alastra-e-causa-vitimas.shtml> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://mundoconectado.net/noticias/vitima-de-revenge-porn-detona-agressor-facebook/> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/11/nao-tenho-mais-vida-diz-fran-sobre-video-intimo-compartilhado-na-web.html> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/familia-de-julia-rebeca-diz-que-so-soube-de-video-apos-morte-da-jovem.html> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/mae-de-jovem-achada-morta-apos-video-intimo-reclama-de-violacao.html> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://pocaopedras.blogspot.com.br/2013/11/revelacoes-julia-rebeca-gostava-de-sexo.html> >

<<https://twitter.com/coejuju?lang=pt> > (Acesso em 09/07/2016)

<<http://180graus.com/noticias/caso-julia-rebeca-twitter-prova-que-ela-buscava-ajuda> > (Acesso em 09/07/2016)

<http://180graus.com/televisao/primo-de-julia-rebeca-fala-do-caso-no-programa-na-moral-da-globovideo> > (Acesso em 09/07/2016)

<http://l.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fwww.ofuxico.com.br%2Fnoticias-sobre-famosos%2Fmiley-cyrus-fala-sobre-liberdade-sexual-e-como-faz-parte-de-uma-evolucao%2F2014%2F04%2F08-200117.html&h=CAQFfj5wE> > (Acesso em 10/07/2016)